

Educação
e
felicidade

da poética do ser
à arte de viver

IV Congresso Nacional
de Ciência e Educação



Educação
e
felicidade
da poética do ser
à arte de viver

ANAIS IV CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

IV Congresso Nacional
de Ciência e Educação



Editora Chefe: Karidja Kalliany Carlos de Freitas Moura
Projeto Gráfico/ Designer: Antônio Laurindo de Holanda Paiva Filho e Edvaldo Rodrigues Júnior
Diagramação e Editoração: Marina Evelyn da Costa Soares
Publicação: Faculdade Católica do Rio Grande do Norte.
FCRN, Faculdade Católica do Rio Grande do Norte
Praça Dom João Costa, 511 - Bairro Santo Antônio.
Mossoró/RN | CEP 59.611-120
(84) 3318-7648
E-mail: extencao@catolicadorn.com.br
Site: www.catolicadorn.com.br

Catálogo da Publicação na Fonte
Associação Santa Teresinha de Mossoró
Biblioteca Dom Mariano Manzana

C749a

Congresso Nacional de Ciência e Educação (4 : 2023: Mossoró, RN). .

Anais do IV Congresso Nacional de Ciência e Educação [recurso eletrônico]: Educação e Felicidade :da poética do ser à arte de viver / Editora Chefe: Karidja Kalliany Carlos de Freitas Moura. - Mossoró, RN: FCRN, 2023.

Dados eletrônicos (1 arquivo PDF : ca 6,6 Mb)

Evento realizado de 18 à 21 de Setembro de 2023.

1. Ciências Sociais - Evento. 2. Afetividade - Evento. 3. Pesquisa Científica - Evento. I. Moura, Karidja Kalliany Carlos de Freitas. II. Título.

CDD:300

Bibliotecária: Andreana T. Veloso CRB 15/0999

Os conteúdos e as opiniões externadas nesta obra são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Todos os direitos de publicação e divulgação em língua portuguesa estão reservados à FCRN - Faculdade Católica do Rio Grande do Norte e aos organizadores da obra.

APRESENTAÇÃO DO EVENTO

O IV CONCED - Congresso Nacional de Ciência e Educação, abordou, no período de 18 a 21 de setembro de 2023, o tema: "Educação e felicidade: Da poética do ser à arte de viver". A temática central ressalta a educação a partir da felicidade do viver em busca de transformar o homem a partir da apropriação de conhecimentos científicos, com o intuito de perpetuar tais conhecimentos por gerações, a fim de que conheçam técnicas e se apropriem para conduzir cultura e fazer história, no espaço e tempo em que se vive, dentro da comunidade de maneira afetiva

É sabido que a educação é o caminho mais profícuo para o crescimento pessoal e profissional de qualquer pessoa, é por ela e para ela que todos os esforços desse grande evento foram despendidos. O processo de educar ultrapassa os livros e as teorias, vai além daquilo que é escrito e tece para si uma série de conexões, de modo a promover relações e afetos.

O IV CONCED, com enfoque na iniciação científica, confirma o nosso desejo de diálogo com outros saberes, considerando que o diálogo é o caminho mais viável para os processos de autoafirmação e reconhecimento das diferenças, elementos essenciais para a convivência em um mundo cada vez mais plural.

Os grupos temáticos deram sustentação ao tema central, promovendo discussões, reflexões e novas formas de pensar, estimular o envolvimento da comunidade discente e docente na pesquisa científica, sendo esta fonte essencial na busca e apreensão de novos conhecimentos, apontando as diretrizes para o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos e científicos apresentados nos artigos deste livro.

Comissão Organizadora

FLAGELO, CRUZ E MORTE: o olhar positivo dos Evangelhos sobre o trágico fim de Jesus

Me. Marcílio Oliveira da Silva¹

1 INTRODUÇÃO

A trajetória de Jesus termina de forma dramática com a pena da crucificação. A proposta de Jesus e seu retrato histórico ficam gravados por seu fim triste na cruz. Os discípulos ao se tornarem mensageiros do evangelho, enfrentaram a dura realidade do desprezo e da insensatez da cruz perante o mundo religioso judeu e o cenário erudito dos pagãos.

Há um contraste notório: A morte de Jesus de Nazaré, declarado “Filho de Deus” e “Senhor”, no patíbulo reservado aos rebeldes, terroristas, traidores e criminosos de alta periculosidade afigurou-se como uma loucura e contrária a toda sã experiência religiosa. (Cf. 1Cor 1,22-23). A cruz representa um fracasso das expectativas suscitadas pelo anúncio do Reino de Deus. Poderia se confiar na promessa do Reino libertador feita por alguém que terminou lamentavelmente na cruz como os delinquentes comuns e os rebeldes terroristas? Que seguranças de redenção e inteligência podem proporcionar a palavra de um judeu sentenciado à desonra da cruz?

2 MÉTODO

O estudo adotou o método teórico-bibliográfico para analisar textos de biblistas e estudiosos da figura do Jesus histórico bem como levantar a discussão em torno do tema proposto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de a tradição cristã ter conseguido perceber algo de favorável no fim trágico de

¹ Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Bacharel em Teologia pela Faculdade Diocesana de Mossoró – FDM. Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: marcveni4312@gmail.com

Jesus, é preciso lançar um olhar específico para o meio pelo qual se deu seu fim ultrajante: A cruz, instrumento de morte destinado a malfeitores, assassinos e opositores do Estado Romano. Os Evangelhos são as únicas fontes de certa extensão que se ocupam, diretamente, dos acontecimentos da vida de Jesus, inclusive do seu desfecho trágico. Para Fabris (1988, p. 243-244), embora apresentem a crucificação de Jesus como último ato de sua paixão outros escritos do Novo Testamento (Cf. At 2, 23; 5, 30; Fl 2,8; Cl 2,14) não apresentam informações adicionais sobre o sofrimento e o fim de Jesus como os Evangelhos. Por outro lado, as narrativas evangélicas se mostram sóbrias em muitos detalhes (cf. Mc 15, 24; Jo 19,18).

Os Evangelhos descrevem o sofrimento e a morte de Jesus de acordo com o que se sabe sobre a crucificação no mundo antigo, mas sem mencionar alguns detalhes da violência e do horror que os condenados à cruz enfrentavam (Cf. DORÉ, 2020, et al., p. 655). Para ter uma ideia mais precisa do que aconteceu com Jesus, é preciso analisar brevemente a pena da crucificação e assim poderemos entender o contraste entre a sua morte e a interpretação positiva que os evangelistas fizeram dela.

Apesar de não serem os criadores do tormento da crucificação, os romanos o aprimoraram em um nível de terror, empregando-o especialmente como forma para desencorajar qualquer rebelião contra o Estado, e por vezes numa escala impressionante com centenas ou até milhares de torturados (Cf. CHEVITARESE, 2022, p. 70).

A crucificação era destinada aos escravos, insurgentes, infiéis e cativos estrangeiros. Cidadãos romanos, em geral, não sofriam a crucificação, pois que, a cruz era um meio de pavor e humilhação elevados ao máximo, que possibilitava conseguir a rendição dos povos (Cf. CHEVITARESE 2022, p. 70-71). Os judeus consideravam qualquer crucificado um “maldito”. Já os gentios (não judeus) tinham-na como a morte mais vergonhosa (Cf. PAGOLA, 2018, P. 464-465).

A crucificação ocorria como um ritual macabro e sádico, culminando na execução capital do condenado, precedida de zombarias e flagelo. Somente os Evangelhos de Mateus e Marcos falam da flagelação de Jesus no pátio do pretório. Lucas silencia nessa parte, talvez por já ter mencionado algo semelhante na cena de Jesus perante Herodes (Cf. Lc 23,11). O quarto Evangelho sintetiza e põe a flagelação como prolongamento do encontro com Pilatos (Cf. DORÉ, 2020, et al., p. 656-657).

Esse aspecto vergonhoso da punição de cruz faz com que seja inimaginável que os cristãos tenham criado a narrativa desta morte para Jesus. Ademais, quem podia conceber que a cruz se transformaria em emblema potente de vitória da vida sobre a morte, do êxito do bem

sobre o mal?

Para superar esse contraste, o movimento de Jesus procura dar uma interpretação religiosa positiva à morte de seu mestre na cruz. A autoproclamada ortodoxia cristã reverberou na história uma leitura favorável ao desfecho dramático do Messias em curtas fórmulas de confissão de fé e nos pedaços de proclamação e catequese preservados nos textos do Novo Testamento. “Quase todas as palavras concretas que os evangelistas põem nos lábios de Jesus refletem provavelmente as reflexões dos cristãos, que vão se aprofundando na morte de Jesus a partir de diversas perspectivas” (PAGOLA, 2018, p. 480).

Apesar de existir uma semelhança entre os quatro Evangelhos cada evangelista narra os fatos trágicos da execução de Jesus de um modo próprio, seja omitindo elementos que existem nos outros, seja, pelo contrário, acrescentando detalhes exclusivos que não vemos nas outras narrativas. Eles combinam História e Teologia, logo, há uma liberdade de cada autor na descrição que fazem do suplício e morte de Jesus (Cf. DORÉ, et al., 2020, 659-662).

Os Evangelistas não estão, unicamente, preocupados em descrever os pormenores da paixão e morte de Jesus, pois, há uma intenção teológica. É meta de cada um transmitir uma mensagem religiosa que, por vezes, dispensa a necessidade de analisar a factualidade do que se passou com o nazareno. Rinaldo Fabris (1983, p. 245) afirma:

O interesse primário dos evangelistas não foi exarar uma crônica das vicissitudes de Jesus, uma espécie de dossiê que se consignasse para a história ou o arquivo de um instituto de pesquisas. O Evangelho da Paixão, mesmo na sua forma peculiar de narração continuada, segue sendo primordialmente um anúncio e uma catequese sobre Jesus e o seu projeto (FABRIS, 1983, p. 245).

Os eventos da flagelação, crucificação e morte de Jesus são um momento para encorajar os cristãos a permanecerem firmes e confiantes durante as dificuldades, seguindo o exemplo de Jesus que enfrentou a morte com total lealdade ao Pai.

Essa interpretação é evidente nas alusões mais ou menos claras aos textos e personagens bíblicos do “justo” perseguido e do “servo” humilde e silencioso de Isaías 53 (Cf. NOLAN, 2007, p. 163-166). Os cristãos que creem em Jesus como seu Senhor e o Filho de Deus podem refletir sobre a sua história de dor e morte. A cruz ainda é um mistério profundo. Mas, tem um sentido para os cristãos que sofrem e são perseguidos. Eles podem se ver nos diferentes personagens da paixão, para recuperar a esperança e a coragem de seguir Jesus no seu caminho da Paixão. (Cf. DORÉ et al., 2020 p. 662).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo mostrar como as narrativas dos Evangelhos deram um sentido positivo à morte de Jesus, tendo em vista que a crucificação foi uma tragédia e que entra em contraste com a imagem de Messias dada a Jesus de Nazaré. A condenação pela cruz era o destino dos malfeitores e assassinos, mas Jesus não o era.

A tradição evangélica buscou confirmar a humanidade de Jesus de Nazaré. Ele não é somente um humano que desempenha um papel de divindade, isto é, Deus “representando” um papel de ser humano. Cristo compartilhou suas experiências com a humanidade de tal maneira que passou pelos maiores sofrimentos e enfrentou a angustiante experiência da morte. Dar a própria vida pelos outros é o gesto mais nobre. O sofrimento, a cruz e a morte de Jesus são a manifestação do amor de Deus pelos homens. Os padecimentos de Jesus animam (e animaram) os seres humanos em suas horas de angústia e sofrimento.

A interpretação cristã destacou a ação de Deus, que "ofereceu" o seu filho como um ato de amor, garantia, perdão e reconciliação para os homens. Sob este aspecto, a morte de Jesus deixa de ser um espetáculo infame e se torna a hora da Glória: a passagem de Jesus deste mundo para o Pai, a máxima demonstração do seu amor redentor. Além do mais, “a evocação de Jesus na cruz estimulou gerações de cristãos mártires a unir seu sofrimento ao dele, a fim de que a experiência compartilhada se torne um fardo menos pesado” (DORÉ *et al.*, 2020, p.). Em vez de ser um indício de fracasso e de humilhação, a morte do messias se transformou em símbolo contraditório do bem contra o mal.

Esses modos de entender a morte de Jesus, que se surgiram e se conservaram nos séculos seguintes, deram origem a formas de justificar o fato de Jesus ter sido flagelado, crucificado e morto, muito usadas na pregação e catequese cristãs.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2008.

DORÉ, Joseph et al (org.). **JESUS**: a enciclopédia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. Tradução de Gentil Avelino Titton

FABRIS, Rinaldo. **JESUS DE NAZARÉ**: história e interpretação. São Paulo: Loyola, 1988.

NOLAN, Albert. **JESUS ANTES DO CRISTIANISMO**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2007. COLEÇÃO LIBERTAÇÃO E TEOLOGIA. Tradução de Grupo de tradução São Domingos.

PAGOLA, José Antônio. **JESUS**: aproximação histórica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O JESUS HISTÓRICO**: um manual. 3. ed. São Paulo,



SP: Edições Loyola, 2002. 651 p. Tradução de Milton Camargo Mota e Paulo Nogueira.

CHEVITARESE, André Leonardo. **JESUS DE NAZARÉ**: O que a história tem a dizer sobre ele. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Menocchio Editora, 2022.

IV Congresso Nacional
de Ciência e Educação



FACULDADE
CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO NORTE